

Aos leitores

Maria Ataíde Malcher¹

<https://orcid.org/0000-0003-4687-1840>

Iluska M. da Silva Coutinho²

<https://orcid.org/0000-0001-5597-9453>

¹(Universidade Federal do Pará, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior. Belém – PA, Brasil. Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde. Rio de Janeiro – RJ, Brasil).

²(Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Juiz de Fora – MG, Brasil).

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem, um apelo à fraternidade universal, à união de todos nós.

Neste trecho do célebre discurso proferido pelo personagem de Charles Chaplin ao final do filme “*O Grande Ditador*”, somos confrontados com assuntos que são muito pertinentes a nós, pesquisadoras e pesquisadores da área da Comunicação. Qual é, afinal, a nossa contribuição para que a ciência, que conduz ao progresso tecnológico, seja também um motor para a felicidade? Um “conhecimento prudente para uma vida decente” (MORIN, 2005) a todas e todos? Como as Ciências Humanas e Sociais, focadas nas questões que tecem a vida social e cultural das pessoas, têm se organizado para fomentar e visibilizar as contribuições que, por natureza, podem dar para a sociedade?

Focando na área da Comunicação, devemos ter em mente a oportunidade (e responsabilidade) que é olhar, comunicacionalmente, o mundo. Se encararmos a comunicação como prática estabelecadora das relações sociais, precisamos enxergar a sua importância não só epistemológica ou institucional, mas, sobretudo, política e social. Promover a comunicação é apelar pela democracia, a processos comunicacionais que não levem à guerra, mas, sim, a entendimento e tolerância. Por mais utópico que isso possa parecer, fica o convite, bem-vindo em tempos de desesperança, a continuar tentando entender e transformar realidades de injustiça por meio de nossa atuação.

Tais reflexões são depreendidas dos nove artigos selecionados para este v. 42, n. 2 (maio/agosto de 2019) da *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)*, os quais foram organizados, aos leitores, em dois eixos temáticos: *Perspectivas Teórico- Metodológicas e Comunicação, Intolerância e Resistência*, buscando incentivar discussões a respeito de como os diferentes empreendimentos teóricos, oriundos de esforços de pesquisa, estão diretamente relacionadas às nossas práticas empíricas e cidadãs, em um processo indissociável por essência. Os, ao todo, vinte autores que neste fascículo apresentam seus estudos, contribuem, assim, para essa séria reflexão.

No artigo *Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível*, que inaugura o primeiro eixo, a autora Ana Paula da Rosa discute, a partir da fotografia de uma jovem muçulmana em meio a um atentado terrorista em Londres, o papel atribuído às imagens em um cenário de midiatização, as quais deixam de ser “somente” registros para se tornarem o próprio acontecimento em circulação. Já em *As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth*, os professores Cintia Xavier e Felipe Simão Pontes põem em pauta a visão do autor Otto Groth sobre jornalismo como produto cultural, materializador dos sentidos presentes na sociedade. Em seguida, em *A transição da crítica imanente para a transcendente nos estudos de Douglas Kellner sobre cinema e televisão*, Otávio Daros recupera as perspectivas desse autor para compreender as articulações teórico-críticas por ele empreendidas e seus reflexos no plano prático/analítico. Fechando o eixo, o artigo *A Metáfora Visual no Relato Integrado: uma análise semiótica*, escrito pelos pesquisadores João Batista Freitas Cardoso, Nadson Jaime Ferreira Alves e Isabel Cristina dos Santos, explora semioticamente os usos que empresas fazem da metáfora visual em Relatos Integrados, recurso da comunicação corporativa.

O segundo eixo começa com o artigo *(In)Seguranças e terrorismos: um estudo comparado entre as mídias online BBC e a Dabiq Magazine a partir dos ataques em Paris*, de autoria de Pablo Victor Fontes Santos, Monica Herz e Jéssika Cardoso de Medeiros, que compara as construções discursivas sobre (in)segurança internacional presente em reportagens produzidas pelos dois veículos midiáticos estudados. No próximo artigo do eixo, *A instrumentalização do discurso do medo: pastores midiáticos e o período pré-eleitoral de 2014*, os autores Leandro Ortunes, Silvana Gobbi Martinho e Tathiana Senne Chicarino analisam a atuação política de líderes religiosos evangélicos nas mídias tradicionais e redes sociais digitais e o uso que fazem do discurso do medo como estratégia de engajamento religioso com fins político-partidários. Em *Libertação gay no Brasil: discursos e enfrentamentos do jornal Lâmpião da Esquina durante a abertura política (1978-1981)*, o pesquisador Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior recupera conteúdos relacionados ao ideal de libertação gay em notícias publicadas em periódico voltado para o público e a temática homossexual. Por último no eixo, o artigo *Las Tecnologías de la Información y Comunicación y el Diseño de Servicios em Cuba: un estudio de caso sobre el Paquete Semanal*, escrito por Yanet Castellanos Argüelles, Ana Carolina Kalume Maranhão e Rogerio José Câmara, documenta uma interessante solução, empregada por segmentos da população cubana,

para compartilhamento de informações disponíveis nas redes em um cenário histórico de limitações de acesso.

O fascículo conta, também, com um texto na sessão *Arena*, intitulado *Inventário [gago] dos problemas da educação: conceitos constitutivos ou bloco de conceitos RIGEEA*, por Gabriel Sausen Feil e Fabiano Neu Pinto, que explora noções deleuzianas para análise de uma peça audiovisual concebida como resultado de um projeto de pesquisa; e, ainda, com a resenha de livros intitulada *Análise estilística da televisão brasileira*, produzida por João Paulo Hergesel, a respeito do livro “*Estilo televisivo: e sua pertinência para a TV como prática cultural*”, de Simone Rocha.

Produzir uma revista científica é um trabalho árduo, mas, certamente, é uma oportunidade de estar em contato constante com as mais diversas pesquisas da área, bem como com os pesquisadores que a constituem, oriundos de diferentes instituições, regiões brasileiras e até países. Por isso, agradecemos não só às(aos) autoras(es), mas, também, a todas(os) pareceristas da revista, sejam membros do Conselho Editorial Científico ou avaliadores excepcionalmente convidados, por disporem de tempo, em meio à rotina de trabalho, para fornecer avaliações atentas dos textos a elas(es) designados e, assim, contribuir para o constante e engrandecedor diálogo sem o qual nenhuma área da ciência se constrói. Que tal diálogo se estenda a todas(os) que colaboram com a RBCC e, principalmente, para quem, porventura, é leitor(a) deste número, integrando essa rica teia de conhecimento.

Boa leitura!